



O fenômeno místico do *sankīrtana* enquanto singularidade da experiência religiosa de *bhakti-yoga*

The mystical phenomenon of *sankīrtana* as a singularity of the *bhakti-yoga*
religious experience

Ana Carolina Kerr¹

Romero Bittencourt e Carvalho²

Resumo: *Bhakti-yoga*, o *yoga* da devoção, é o elemento central da tradição *Vaiṣṇava Gauḍīya* do Hinduísmo, possuindo como ritual mais presente e conhecido a prática do canto congregacional de mantras, o *sankīrtana*. Neste trabalho, trazemos conceitos como *samādhi*, *mokṣa* e *prema-bhakti* sob a ótica da tradição estudada, apresentando a prática do *sankīrtana* como aquilo que exprime a mística *vaiṣṇava* e torna possível a vivência real dos conceitos supracitados na vida do devoto. Tendo como meta uma consciência conectada à Divindade e um estado de amor puro por Deus (*prema*), demonstramos neste artigo, a partir da fenomenologia e análise bibliográfica, o *sankīrtana* como singularidade e essência do caminho de *bhakti-yoga*.

Palavras-chave: Hinduísmo. *Bhakti-yoga*. Mística. Mantra. *Sankīrtana*.

Abstract: *Bhakti-yoga*, the *yoga* of devotion, is the core of the *Gauḍīya Vaiṣṇava* tradition of Hinduism, and its most present and known ritual is the practice of congregational chanting of mantras, *sankīrtana*. In this article here, we bring concepts such as *samādhi*, *mokṣa* and *prema-bhakti* from the perspective of the studied tradition, presenting the practice of *sankīrtana* as what expresses the *vaiṣṇava* mysticism and makes possible the real experience of the aforementioned concepts in the devotee's life. Having as the supreme goal a consciousness connected to the Divinity and a state of pure love for God (*prema*), we demonstrate in this article, from phenomenology and bibliographical analysis, the *sankīrtana* as uniqueness and essence of the *bhakti-yoga* path.

Keywords: Hinduism. *Bhakti-yoga*. Mystic. Mantra. *Sankīrtana*.

¹ Doutoranda e mestra em Ciências da Religião pela PUC Minas. Bolsista Capes. e-mail: anacarolinakerr@yahoo.com.br

² Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. E-mail: srikrsnamurti@gmail.com



Introdução

Este artigo visa explicar a singularidade da experiência mística presente na prática de *sankīrtana*, situado na expressão hindu do *Vaiṣṇavismo Gauḍīya*, por meio da análise dos conceitos de *samādhī*, *mokṣa* e *prema-bhakti*. Segundo o dicionário Monier-Williams (2002), *Kīrtana* (em sânscrito, किरतन) significa “cantar”, “recitar”, “repetir”, “falar” e pode ser compreendido como uma atividade devocional musical da Índia³, composta de mantras e cânticos sagrados (BROWN, 2021). Além disso,

o estilo de kirtan realizado dentro do hinduísmo Vaishnava Gaudiya é uma expressão de bhakti-yoga, o ‘yoga de amor e devoção’, e concentra-se em criar uma conexão pessoal, lúdica e emocionalmente intensa entre o adorador e seu deus, especificamente por meio de palavras e sons cuja vibração crê transportar a presença literal de Krishna. (BROWN, 2021, p. 1, tradução nossa)⁴.

O *sankīrtana*, portanto, pode ser entendido como o ritual de cantar (*kīrtana*) junto (*san*), ou ainda como “a glorificação congregacional do Senhor pelo canto, dança ou outro tipo, difundindo as glórias do Senhor”. (VRAJABHUMI, 2009, p. 3). A prática do *sankīrtana* é de natureza mística pelo seu caráter de busca pela união profunda entre o fiel e o Sagrado, aspectos que trataremos ao longo deste texto.

A análise de tais conceitos – *samādhī*, *mokṣa* e *prema-bhakti* – com os quais acreditamos ser possível pensar a singularidade do fenômeno místico do *sankīrtana* em *bhakti-yoga*, será sob a luz do método fenomenológico. No campo epistemológico das Ciências da Religião, a fenomenologia é uma das ferramentas metodológicas de apreensão e significação do fenômeno religioso tal como aparece na realidade, além de interpretá-lo a partir das várias significações e sentidos presente na consciência de seus respectivos praticantes.

³ Consideram-se aqui as tradições religiosas que seguem de alguma forma a literatura védica. Existem outras religiões na Índia, como o Budismo, o Jainismo, o Zoroastrismo, o Islã etc., que não fazem parte desse rol.

⁴ “Kirtan is a musical worship practice from India that involves the congregational performance of sacred chants and mantras in call-and-response format. The style of kirtan performed within Gaudiya Vaishnava Hinduism is an expression of Bhakti Yoga, “the yoga of love and devotion”, and focuses on creating a personal, playful, and emotionally intense connection between the worshipper and their god—specifically, through words and sounds whose vibration is believed to carry the literal presence of Krishna.”

Partindo-se do pressuposto de que a fenomenologia de Husserl tem como objeto de estudo as manifestações presentes na existência, o paradigma metodológico deste artigo consiste na apreensão e esclarecimentos do fenômeno religioso a fim de captar suas essências presentes em suas revelações no mundo, analisando os fenômenos místicos a partir de suas expressões na realidade. Parte-se do entendimento de que este paradigma possibilita a análise científica das experiências religiosas em primeira pessoa e em rituais coletivos, como no presente caso, em que trabalhamos experiências místicas de êxtase durante a prática do *sankīrtana*, bem como na manifestação de *samādhi*, *mokṣa* e *prema-bhakti*.

Sendo assim, para traçar a linha de raciocínio proposta, em um primeiro momento iremos tratar sobre a vertente do *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* e a prática de *bhakti-yoga*, um resumo do seu percurso histórico e seu aspecto místico. Após isso, será realizada a análise conceitual de *samādhi*, *mokṣa* e *prema-bhakti* sob a perspectiva da tradição religiosa trabalhada. Por fim, trataremos do *sankīrtana* enquanto singularidade na experiência religiosa no universo hindu.

1. Vaisnavismo Gauḍīya e Bhakti-Yoga

O vasto conjunto de tradições e vertentes religiosas da Índia, que no Ocidente chama-se Hinduísmo, pode ser considerado a religião ativa mais antiga do mundo. É importante ressaltar que o termo “hindu” não se originou de forma autodenominativa, e sua procedência se deve aos persas que identificaram geograficamente como “hindus” as pessoas que moravam à beira do rio Indo (*Sindhu*). O termo passou a ser utilizado também para se referir às pessoas que viviam na Índia, mas que não eram muçulmanas, budistas ou cristãs. Sendo assim, o que comumente conhecemos como Hinduísmo pode ser identificado também – principalmente entre os praticantes – como *Sanātana-Dharma* (religião do dever/caminho eterno) ou *Vaidika Dharma* (religião dos *Vedas*).

Dentre as tradições do Hinduísmo⁵ que praticam ritos de devoção a um deus superior aos demais, situa-se o *Vaiṣṇavismo*, termo que significa adoração a Viṣṇu e/ou

⁵ O hinduísmo tradicional pode ser dividido de forma simples em quatro grandes tradições que aceitam as duas principais seções do que podemos compreender como Literatura Védica (os *Śrutis* – que alguns alegam ser o que de fato podemos chamar de védico –, e os *Smṛtis*), conhecidas como *Vaiṣṇavas*, *Śaivas*, *Śāktas* e *Smārtas*, que apresentam práticas espirituais, hermenêuticas e conclusões filosóficas e

Kṛṣṇa e sua corrente *Vaiṣṇava Gauḍīya* que demarca o *Vaiṣṇavismo* surgido na Bengala no século XVI a partir dos ensinamentos de Śrī Caitanya Mahāprabhu⁶ e seus discípulos. Essa tradição parte do conceito de que dentre as muitas deidades cultuadas no seio hindu, Kṛṣṇa é o aspecto pessoal supremo e original do Divino, a “Personalidade Suprema da Divindade”, possuindo ainda muitas encarnações divinas como aspectos da Suprema Realidade de Viṣṇu.

Essa vertente apoia-se em parte da literatura védica clássica: Os *Vedas*; as *Upaniṣads*; os *Purāṇas*; o *Mahābhārata* e o *Rāmāyaṇa*, com certa ênfase em textos como a *Bhagavad-gītā* e o *Bhāgavata Purāṇa*⁷, conhecido também como *Śrīmad-Bhāgavatam*. Na tradição *Vaiṣṇava Gauḍīya*, o *Bhāgavata Purāṇa* tem um destaque superlativo, sendo considerado o comentário do próprio sábio Vyasa-deva, o mitológico autor do *Mahābhārata* e de muitos *Purāṇas*, ao seu *Vedānta-sūtra*. Podemos afirmar que a base teológica está nessas obras e nas interpretações de discípulos de Caitanya Mahāprabhu, sobretudo os chamados

“Seis Goswāmīs”⁸, com destaque para Jīva Goswāmī e Rūpa Goswāmī, que sistematizaram a teologia de *bhakti*, dando origem a uma extensa literatura medieval sobre a religião *Vaiṣṇava Gauḍīya* e seu culto centrado em Kṛṣṇa e Sua consorte Rādhā⁹. Ao cânone criado

teológicas totalmente distintas, variando de um monismo ateu a um teísmo devocional monoteísta, passando por politeísmo e panteísmo. (CARVALHO, 2020).

⁶ Sobre Caitanya Mahāprabhu, o teólogo, poeta e editor da revista jesuíta “America”, John Moffitt, escreveu: “Se tivermos de escolher um homem na história religiosa indiana que melhor representa o espírito puro de auto entrega devocional, eu escolheria o santo *vaiṣṇava* Caitanya, cujo nome inteiro era Kṛṣṇa Caitanya, ou ‘Consciência de Kṛṣṇa’. De todos os santos na história escrita, no Oriente ou Ocidente, ele me parece como o exemplo supremo de uma alma carregada pela maré de amor extático por Deus. Esse homem extraordinário, que pertence a um período rico que tem início no fim do século XIV, representa a culminação das escolas devocionais que cresceram em volta de Kṛṣṇa [...] em sua natureza, Caitanya deleitava-se intensamente. Afirma-se que, como São Francisco de Assis, ele tinha um poder milagroso sobre os animais selvagens. Sua vida na cidade de Purī é a história de um homem em um estado de intoxicação espiritual praticamente contínua. Discursos iluminantes, contemplação profunda, humores de comunhão amorosa com Deus, eram ocorrências diárias.” (MOFFITT apud VALERA, 2015, p. 54-55).

⁷ O *Bhāgavata Purāṇa* é um dos dezoito principais *Purāṇas*. Geralmente os *Purāṇas* são constituídos de temas como a origem do universo (*sarga*); genealogia de deuses e patriarcas (*vamśa*), histórias sobre reinos e dinastias (*vamśānucarita*) dentre outras.

⁸ Śrī Rūpa Goswāmī, Śrī Sanātana Goswāmī, Śrī Bhaṭṭa Raghunātha, Śrī Jīva Goswāmī, Śrī Gopāla Bhaṭṭa Goswāmī e Śrī Rāghunātha dāsa Goswāmī.

⁹ No *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* a manifestação pessoal de Deus só é completa quando estão juntos a *śakti* (energia divina) e a *śaktimān* (fonte da energia divina). A *śakti* é personificada nas consortes das manifestações divinas (*śaktimān*). Assim, temos os casais Rādhā e Kṛṣṇa, Lakṣmī e Viṣṇu, Sītā e Rāma, sempre adorados juntos (PRABHUPADA, 1987). Como mencionamos, no *Vaiṣṇavismo Gauḍīya*, diferentemente de outras escolas *Vaiṣṇavas*, entende-se que Kṛṣṇa é a fonte de tudo, inclusive de Viṣṇu, e não o contrário. Esse entendimento é baseado no próprio *Bhāgavata Purāṇa*, que diz (1.3.28): “Todas

pelos Seis Goswāmīs, outros mestres importantes fizeram adições literárias como Viśvanātha Cakravartī (1638-1708) e Baladeva Vidyābhūšana (? – 1768), enquanto alguns foram fundamentais para a manutenção da tradição, como Narottama Dāsa (1550-1587) e Jāhnavā-mātā (século XVI), primeira mestra do Vaiṣṇavismo Gauḍīya após a partida de Caitanya Mahāprabhu e seus principais companheiros. (CARVALHO, 2021, p. 298-299)

No campo teológico, o *vaiṣṇava* entende que o significado de Deus pode ser explicado através do conceito de *Bhagavām*¹⁰, a Realidade Suprema, que é também uma persona. Compreende-se *Bhagavām* de duas formas possíveis: a primeira delas é a crença de que essa feição particular de Deus significa a possibilidade de se estabelecer uma íntima relação com Ele. O outro entendimento, que não exclui o primeiro, perceberá Deus como elemento impessoal, uno, e sua presença essencial (alma) localizada em todo componente cósmico.

Sendo assim, o principal caminho espiritual (*dharma*¹¹) do *vaiṣṇava* é a união completa com Kṛṣṇa através da prática de *Bhakti-yoga*. *Bhakti* pode ser entendida como devoção a Deus e, de acordo com Valera (2015), “[...] *bhakti* é um termo sânscrito utilizado para indicar devoção à Divindade e pode se relacionar com os conceitos de fé ou confiança (*śraddhā*), graça ou misericórdia (*anukampā*, *anugraha* ou *prasāda*)”. (VALERA, 2015, p. 2). É possível dizer ainda que,

Bhakti, em sua forma mais pura, como *parā bhakti*, é identificado com *prema* (amor puro por Deus), podendo ser considerado tanto o meio como o fim. Esse *parā-bhakti* (devoção suprema), portanto, não é diferente do *uttama bhakti* (devoção mais elevada), o amor

as encarnações acima mencionadas são ou porções plenárias ou porções das porções plenárias do Senhor, mas o Senhor Śrī Kṛṣṇa é a Personalidade de Deus original. Todas elas aparecem nos planetas sempre que há um distúrbio criado pelos inimigos dos deuses. O Senhor encarna para proteger seus devotos era após era.” (PRABHUPADA, 1995, p. 192).

¹⁰*Bhagavām* em sânscrito, भगवान्. Significa literalmente ‘sorte, abençoado; ilustre; divino; venerável; santo’.

¹¹ Gavin Flood (2014, p. 80) comenta que: “A palavra *dharma* é um termo intraduzível. Queremos com isso dizer que não existe nenhum equivalente semântico nas línguas ocidentais – pelo menos naquelas que tentaram fazê-lo – capaz de expressar, de forma direta e imediata, a plurivalência de termos como ‘dever’, ‘religião’, ‘justiça’, ‘lei’, ‘ética’, ‘mérito religioso’, ‘princípio’ e ‘direito’”. Já Ithamar Theodor (2010, p. 02) ressalta o significado da palavra como natureza intrínseca de algo, dizendo que “Dharma não é apenas externo ao ser humano, mas é percebido como algo que compreende a essência ou natureza de tudo. Sendo assim, aspira situar tudo – não apenas humano, mas todo o fenômeno, em seu devido lugar. Por exemplo, o *dharma* do professor é ensinar e o *dharma* do Sol é brilhar. O Dharma aspira estabelecer uma sociedade humana sobre uma base moral sólida e, como tal, define o ser humano por meio de dois parâmetros, que são o *status* pessoal e profissional”.

incondicional e exclusivo, encontrado no *Bhāgavata Purāṇa* [...]. (VALERA, 2015. p. 38).

A tradição de *Bhakti-yoga* foi trazida para o Ocidente em 1965 e tem como protagonista institucional a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON). Seu mestre espiritual fundador é A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupāda. Na contemporaneidade, possuímos um considerável número de adeptos dessa vertente na Índia e no Ocidente, além de instituições derivadas da ISKCON, dissidências e grupos fundados por outros mestres da mesma escola filosófica (*sampradāya*) de Prabhupāda. No Brasil, a ISKCON foi oficialmente fundada em 1975 e é responsável pela publicação de um bom volume literário importante para a tradição de *bhakti*, incluindo o *Bhāgavata Purāṇa*, em 18 volumes.

1.1 A mística *vaiṣṇava*

Entende-se aqui que discorrer acerca da mística na tradição do *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* requer, anteriormente, esclarecer o que se entende comumente como mística, e depois caracterizar os elementos que a compõem no Hinduísmo.

Uma vez que o termo “mística” é algo que vela por detrás de múltiplas referências, experiências e fenômenos dentro do contexto da religião e da espiritualidade e, sendo esses campos tão vastos e complexos, sua acepção torna-se multifacetada e seu significado, inesgotável. Tendo em vista a multiplicidade semântica presente nesse conceito, grande parte dos teólogos e cientistas da religião contemporâneos compreendem que coexistem várias místicas e espiritualidades, não necessariamente inseridas em tradições religiosas. Para pensar especificamente a mística no Hinduísmo podemos afirmar que:

O termo ‘mística’ traduz, com referência às religiões indianas, uma complexidade de experiências, a partir da doutrina secreta dos *upanixades* (sic) até a *ioga* com suas ramificações [...] entendido[as] como realização espiritual suprema, sem que com isso, as diversas experiências sejam niveladas. (BORRIELLO, 2003, p. 723).

Bernard McGinn (1991) compreende a mística como “consciência direta da presença de Deus” (MCGINN, 1991, p. 17). Concepção que em muito se assemelha às

práticas devocionais que estamos tratando, embora não haja consenso dentro dos muitos hinduísmos sobre a resposta para questões como “Deus é uma persona ou é impessoal?” ou “qual é o caminho espiritual correto?”, tendo em vista que o conjunto de tradições védicas possuem expressões que variam de um monismo quase ateuista (*Advaita Vedanta*) até a prática de devoção a um Deus pessoal (*Bhakti-yoga* do *Vaiṣṇavismo Gauḍīya*). Não há tampouco acordo sobre qual é o caminho certo: alguns defendem que se dá pela graça de Deus a partir da devoção, outros pelo caminho ascético e de isolamento, outros ainda pela execução sistemática e impecável de rituais. Essa infinita diversidade torna o Hinduísmo diverso e enigmático.

Entretanto, é possível encontrar pontos de aproximação. Para teóricos como Velasco (2003), o Hinduísmo é uma religião essencialmente mística. Isso significa que em todo fiel, ou em toda vertente, há uma busca intelectual, ética, emocional e espiritual para com a Verdade e/ou o Sagrado. Pode-se afirmar, portanto, que estamos tratando aqui precisamente de um conjunto de tradições que estruturalmente se localizam, de um modo ou de outro, na experiência mística:

[...] é verdade que a religião da Índia se caracteriza por fazer da experiência mística a verdadeira base da religião [...]. Não é exagerado dizer, como fez Zaehner parafraseando Nietzsche, que a Índia é “*die Hauptschule der Mystik*” a escola maior, o lugar por excelência do cultivo da mística. (VELASCO, 2003, p. 132, tradução nossa)¹².

De acordo com Velasco, percebemos que a mística é um aspecto basal das tradições religiosas da Índia. Ao utilizar o termo “cultivo” como uma grande característica dessa manifestação religiosa, podemos compreender que a experiência mística consiste em um exercício de aperfeiçoamento ou refinamento em todos os caminhos religiosos, caminhos estes que rumam para o Sagrado. No que diz respeito à tradição *vaiṣṇava* e a relação mística com a divindade, Valera (2015) afirma que:

No não dualismo do Vaiṣṇavismo Gauḍīya, estabelecido pelo Bhāgavata Purāṇa (BhP, 1.2.11; Prabhupāda, 1995, p. 113), a Divindade como Realidade consciente única (*jñānam advayam*) tem três aspetos distintos e indivisos: (1) Brahman, o Ser absoluto,

¹² “Es verdad que la religión de la India se caracteriza por hacer de la experiencia mística la verdadera base de la religión (...). No es exagerado decir, como hace Zaehner parafraseando a Nietzsche, que la India es “*die Hauptschule der Mystik*” la escuela mayor, el lugar por excelencia del cultivo de la mística.”

impessoal [...] (2) Paramātmā, a divindade pessoal e a consciência imanente, situada no coração de todos os seres, que se manifesta na forma das diferentes encarnações de Viṣṇu; e (3) *Bhagavān*, a suprema personalidade da Divindade, que surge de sua transcendência mística, para se relacionar amorosamente com seus devotos. Apesar de muitas vezes constar em listas de encarnações, Kṛṣṇa seria o próprio *Bhagavān* original. (VALERA, 2015, p. 48, grifo nosso).

Dentro do espectro do *Vaiṣṇavismo Gauḍīya*, podemos perceber que a mística está presente nas práticas devocionais de *bhakti-yoga*, bem como na trajetória espiritual que visa estabelecer uma relação íntima com Kṛṣṇa. Durante esse caminho, situam-se os fenômenos místicos (êxtases, visões, iluminações, sentimento de amor pleno, entre outros) de *samādhi*, *mokṣa* e *prema-bhakti*, dos quais trataremos a seguir.

2. *Samādhi* em *Bhakti-Yoga*

Ao descrevermos o *samādhi* na prática de *bhakti-yoga*, partiremos do pressuposto de que existem diferentes níveis de *yoga*, sendo que uns possuem baixo e médio desenvolvimento espiritual, como por exemplo a pura atividade física ou o *yoga* para fins medicinais, enquanto outros exprimem o mais alto patamar de iluminação. Em seu livro *Meditação e Superconsciência* (1980), Prabhupāda lembra que Kṛṣṇa afirma no sexto capítulo da *Bhagavad-gītā* sobre o “mais elevado sistema de *yoga*”¹³, cujo objetivo central é conhecer Deus por meio do *bhakti-yoga*. Portanto, “o *yogī* mais elevado é aquele que sempre está pensando em Kṛṣṇa intimamente”. (PRABHUPADA, 1980, p. 1).

Portanto, percebemos aqui a presença da atividade mística que a tradição fomenta, ao manifestar o almejo da gnose divina. De acordo com Prabhupāda, as pessoas possuem intrinsecamente essa busca por Deus – “na verdade, somos todas almas espirituais” (PRABHUPADA, 1980, p. 2). Portanto, o *yoga*, neste caso, é usado como uma ferramenta que auxilia o indivíduo nesta jornada da vida material, a fim de que ele consiga transcender essa existência corpórea e atinja a máxima comunhão com Kṛṣṇa.

¹³ Prabhupāda se baseia, sobretudo, no verso 6.47 da *Bhagavad-gītā*, que diz: “E de todos os *yogīs*, aquele que tem muita fé e sempre se refugia em Mim, pensa em Mim dentro de si mesmo e Me presta serviço transcendental amoroso — é o mais intimamente unido a Mim em *yoga* e é o mais elevado de todos. Esta é a Minha opinião”.

Sendo assim, o sucesso da prática de *bhakti-yoga*, pressupõe uma relação íntima com Kṛṣṇa através de *bhakti*, que vem da raiz verbal *bhaj* (“servir”, “honrar”, “reverenciar”, “amar”, “adorar”). É importante ressaltar que o texto da *Bhagavad-gītā* explicita que a relação com a “Divindade Suprema” pode ocorrer de várias formas, como pela ação correta (*karma-yoga*), busca do conhecimento (*jñana-yoga*), meditação (*dhyana-yoga*) e devoção (*bhakti-yoga*). No entanto, interessa-nos investigar qual é a prescrição para se atingir a mais íntima relação com Deus em *bhakti-yoga*, pois a tradição *vaiṣṇava* acredita que nela está a atividade mística por excelência, também expressa na consciência plena de Kṛṣṇa, o *samādhi*.

A busca pelo *samādhi* em *bhakti* é uma busca pela máxima purificação: viver Deus em todas as esferas da vida. Para evoluir nesse caminho espiritual, o devoto deve ultrapassar a energia externa grosseira, a realidade material, a existência corpórea, o gozo dos sentidos, o desejo hedonista¹⁴ e apego a coisas e bens materiais. Depois, deve-se transpor a energia sutil, representada pela mente, o intelecto humano e o ego, também chamado na tradição de *falso ego*, considerando, portanto, a alma como o ego verdadeiro¹⁵. Só assim se atinge a essência divina velada por detrás da materialidade, a alma interna.

Partindo do pressuposto da tradição, de que a energia externa é Deus, então deve-se desapegar da matéria enquanto matéria, mas não de seu aspecto essencial. É importante saber da presença de Kṛṣṇa em toda a realidade cósmica, porém o foco será desenvolver a energia interna (alma) que busca Kṛṣṇa. Sobre isso, o capítulo 6, versos 24-26 da *Bhagavad-gītā*, afirmam que:

A pessoa deve praticar *yoga* com determinação e fé indesejáveis. Ela deve abandonar, sem exceção, todos os desejos materiais que surgem

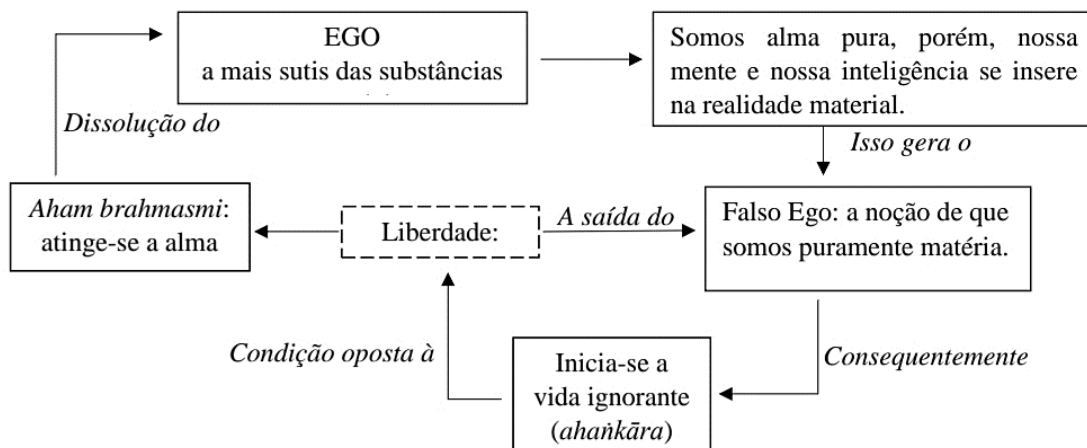
¹⁴ Distingue-se aqui o desejo hedonista, de satisfação dos próprios sentidos, do desejo do *bhakta* de desenvolver amor por Kṛṣṇa. A ideia de não ter desejos não existe em *bhakti*, porque se entende que querer não desejar nada é um desejo também. Então a pessoa deve desejar ter amor.

¹⁵ Sobre esta distinção entre falso ego e verdadeiro ego, Prabhupāda comenta que: “Falso ego significa aceitar que este corpo é a própria pessoa. Quando alguém compreende que não é este corpo, mas sim uma alma espiritual, chega então ao seu verdadeiro ego. O ego existe. Condena-se o falso ego, não o verdadeiro ego. A literatura védica (*Bṛhad-āraṇyaka Upaniṣad* 1.4.10) diz que *ahaṁ brahmāsmi*: eu sou Brahman, eu sou espírito. Este “eu sou”, o sentido do eu, também existe na fase de auto-realização liberada. Este sentido de “eu sou” é ego, mas quando o sentido de “eu sou” é aplicado a este corpo falso ele é ego falso. Quando o sentido do eu é aplicado à realidade, isto é o verdadeiro eu. Há alguns filósofos que dizem que devemos abandonar nosso ego, mas não podemos abandonar nosso ego, porque ego significa identidade. Devemos, é claro, abandonar a falsa identificação com o corpo”. (PRABHUPADA, 2015, p. 616).

do falso ego e controlar assim, através da mente, todos os sentidos, sob todos os aspectos. Com plena convicção, a pessoa deve situar-se pouco a pouco em transe por meio da inteligência, e assim a mente deve se fixar apenas no Eu e não deve pensar em nada mais. Por onde quer que a mente divague, devido à natureza oscilante, a pessoa deve retrai-la e trazê-la de volta ao controle do Eu. (*Bhagavad-gītā* 6, 24-26).

Entende-se que ao iniciar a jornada de libertação, o conhecimento da alma permanece, mas o corpo muda. Gradualmente são desconstruídos os elementos grosseiros da realidade material, bem como o intelecto e a mente, e em seu último estágio, está o desaparecimento do ego. Para entendermos melhor esse processo, o esquema abaixo exemplifica, de acordo com a tradição, a importância da libertação do ego humano:

Esquema 1 - Processo de libertação do ego



Fonte: (KERR, 2020, p. 60)

Quando o ser humano transcende a essas concepções sutis da mente, atinge um nível de pureza espiritual, pois se liberta das noções falsas de identificação dos campos corpóreos como o centro de referência, dando espaço para a identificação de sua alma e, conseqüentemente, com a Superalma (chamada em sânscrito de *Paramātmā*), Deus. A tradição entende que não basta atingir esse nível de consciência da realidade, mas é preciso ocupar-se dele. Ou seja, deve-se a todo tempo lembrar essas concepções de forma prática, para que o *bhakta* perceba, de modo superconsciente, o pulsar divino de Kṛṣṇa na realidade.

O Vaiṣṇavismo entende que, em consciência divina, o *yogī* transpõe o gozo dos sentidos e desfruta os sentidos da vida espiritual, em Deus. Prabhupāda afirma que



“através da prática do *yoga*, podemos, literalmente, trazer a mente à consciência de Kṛṣṇa” (PRABHUPADA, 1990, p. 6). Valera completa dizendo que:

Quando *bhāva* [Deus] aparece, ele permeia a consciência de tal forma que parece ter se tornado um com a mente. É semelhante ao que acontece com uma barra de ferro colocada no fogo; ela eventualmente adquire as qualidades do fogo parecendo ser uma coisa só. Esse fato denomina-se *tad-ātmakā*, e lembra o que se conhece no *yoga* por *samādhi*. (VALERA, 2015. p. 190).

Para atingir o *samādhi*, o *yogī* deve entregar-se a Kṛṣṇa através do serviço devocional, práticas cotidianas que compõem o *sadhana-bhakti-yoga*, que descrevemos em breve. Segundo a doutrina, a forma mais eficaz para tal é o canto do *Mahā-Mantra*. *Mahā-mantra* é traduzido como o “Grande Mantra”, conhecido também como o mantra *Hare Kṛṣṇa*. Na tradição *Vaiṣṇava Gauḍīya*, este é o maior de todos os mantras, especialmente nesta época em que vivemos, porque acredita-se que nesta era de *Kali-Yuga*¹⁶ só existe um jeito de se garantir a salvação: o canto. O conceito é resgatado da *Kali-Saṅgāraṇa Upaniṣad* (1.2), que diz que as dezesseis palavras do mantra são especialmente direcionadas a contra-atacar as contaminações da era de Kali e que não há outra alternativa a não ser cantar este mantra.

A prática de cantar o mantra *Hare Kṛṣṇa* como essência de *bhakti-yoga* foi preconizada por Caitanya Mahāprabhu, que propagou o *Mahā-mantra* como veículo de evolução espiritual. Ele afirma veementemente a necessidade e a importância do canto deste mantra que, de acordo com a teologia *vaiṣṇava*, é a mais elevada meditação transcendental. Embasando seus ensinamentos nas escrituras, Mahāprabhu citava sempre o verso 38.126 do *Bṛhan-nārādīya Purāṇa*, que diz: “Cantar os nomes do Senhor, cantar os nomes do Senhor, cantar os nomes do Senhor. Não há outra maneira; não há outra maneira; não há outra maneira de libertação nesta era de desavenças e hipocrisia”. O *Bhāgavata Purāṇa* (12.3.51) reforça: “Meu querido rei, apesar da era de Kali ser um oceano de defeitos, ainda assim há uma grande qualidade: Simplesmente por cantar os santos nomes do Senhor Kṛṣṇa pode-se libertar do cativeiro material e ser

¹⁶ A quarta de um ciclo de quatro eras cosmológicas descritas nas escrituras védicas, sobretudo nos *Purāṇas*. Em Kali-yuga, a *yuga* que estamos enfrentando nos últimos cinco mil anos, há um excesso de desavenças, ignorância e irreligião, com as verdadeiras virtudes sendo desvalorizadas. A boa notícia é que esta *yuga* é a menor, durando apenas 432 mil anos. Ao fim de Kali-yuga, volta-se ao início do ciclo, com a era dourada, Satya-yuga, novamente em curso.

promovido ao mundo transcendental”. O canto do *Mahā-mantra* como ritual religioso é considerado pelo *vaiṣṇava* como o modo mais fácil para a autorrealização; evolução espiritual; salvação; liberdade; amor supremo; devoção plena.

Através do canto, o fiel é introduzido gradualmente no conhecimento divino, e os primeiros sinais são a mudança de percepção da realidade através de uma alteração no nível de consciência do praticante. A tradição entende que essa prática desperta percepções de mundo mais profundas e de ordem espiritual contrárias aos modos de consciência vividas anteriormente no campo material, pois:

Pelo cantar deste Hare Kṛṣṇa, como foi introduzido pelo Senhor Caitanya – cantar e dançar – você pode compreender Kṛṣṇa em pouco tempo. O conhecimento começa não a partir de Kṛṣṇa, mas a partir de coisas que estamos acostumados a ver todos os dias. (PRABHUPADA, 1980, p. 34).

Para entendermos com maior clareza o que é o *Mahā-mantra*, o analisaremos sob a ótica de sua etimologia. O mantra possui quatro versos e dezesseis palavras:

Quadro 1 - *Mahā-mantra*

Sânscrito	Transliteração
हरे कृष्ण हरे कृष्ण हरे कृष्ण कृष्ण हरे हरे हरे राम हरे राम राम राम हरे हरे	<i>Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa</i> <i>Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare</i> <i>Hare Rāma, Hare Rāma</i> <i>Rāma Rāma, Hare Hare</i>

Fonte: (KERR, 2020, p.63).

A palavra *Hare* (no alfabeto sânscrito, हरे) é oriunda do termo *Harā*, que significa um modo de se invocar a energia divina de Kṛṣṇa (कृष्ण). Neste contexto, *Harā* é um nome de *Rādhā*, a suprema energia de amor, consorte de Kṛṣṇa e fonte de todas as demais deusas na tradição *Vaiṣṇava Gauḍīya*. Ou seja, o mantra primeiramente se dirige a *Rādhā* como *Hare*, vocativo de *Harā*, como uma súplica para que a Divina



Mãe interceda. Os nomes Kṛṣṇa (“o todo atrativo”) e Rāma (□□□)¹⁷ (“a fonte de todo o prazer”) referem-se a possibilidades íntimas de relacionamento com o Supremo.

Podemos notar que há uma estreita relação entre o sânscrito e o tom divino presente nestes versos. A construção métrica e etimológica do *Mahā-mantra* é essencialmente voltada para o encontro direto do praticante com Deus. Portanto, o canto é o método primordial de contato com o divino, bem como a fonte da salvação para a tradição *vaiṣṇava*. Ou seja,

A vibração transcendental estabelecida através do cantar de HARE KRSNA [...] é o método sublime para revivermos nossa consciência transcendental. [...] Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare é o processo transcendental para reviver essa consciência pura e original. Cantando essa vibração transcendental, podemos eliminar todos os receios que existem dentro de nossos corações. O princípio básico de todos esses receios é a consciência falsa de que eu sou o senhor de tudo que eu observo. (PRABHUPADA, 1980, p. 45).

De acordo com a tradição, o *Mahā-mantra* é uma meditação que “preenche” todos os âmbitos da vida humana, externa e interna: ao mesmo tempo que o cantar é transmitido e ensinado ao devoto, a tradição também entende que a essência simbólica presente no mantra está no cerne da alma individual que, ao cantar, contemplará a Superalma. Acredita-se que se trata de um exercício que torna possível uma evolução da consciência que atingirá em seu ápice a consciência plena de Deus.

Entende-se no *vaiṣṇavismo* que o caráter absoluto do Supremo confere ao nome relacionado a Ele uma completa identificação enquanto que no plano material a conexão de um nome e seu objeto é subjetiva. Em outras palavras, não há diferença entre o nome de Deus e o próprio Deus. O *Padma Purāṇa* (1.2) corrobora esta ideia ao afirmar que: “O santo nome de Kṛṣṇa é de essência espiritual e a forma plena dos relacionamentos espirituais. Ele é pleno, puro e eternamente liberto, pois no plano espiritual não há diferença alguma entre o nome e o nominado”.

Além de características da mística presentes na literatura e nos preceitos da religião como, por exemplo, o almejo de contato íntimo com Deus, existem também elementos místicos relatados na prática de cantar o mantra, uma vez que haveria

¹⁷ A *Rāma-pūrva-tāpiny-upaniṣad* (1.6) diz que “Os místicos sentem prazer espiritual ilimitado no Ser eterno, consciente e bem-aventurado, portanto a Verdade Absoluta (*param brahma*), é conhecida como Rāma”.



produção de estados suprasensoriais manifestados nas percepções mentais que são alteradas no praticante durante o canto, bem como fenômenos físicos e psicológicos descritos de forma detalhada. O ritual é entendido pelos *vaiṣṇavas* como fonte de êxtase:

Através da experiência prática também pode-se perceber que, cantando esse *Mahā-mantra*, ou o Grande Canto para a Libertação, pode-se imediatamente sentir um êxtase transcendental proveniente do estrato espiritual. (PRABHUPADA, 1980, p. 46).

Tais formas de êxtase são descritas em oito tipos diferentes:

No começo, pode ser que não se apresentem todos os êxtases transcendentais, que são oito: 1) estacar como que mudo, 2) perspiração, 3) arrepio dos pelos do corpo, 4) deslocação da voz, 5) tremor, 6) desvanecimento do corpo, 7) chorar em êxtase, 8) transe [...]. (PRABHUPADA, 1980, pp. 46-47).

Além da prática do cantar como via de êxtase, a tradição entende que essas manifestações transcendentais são expressas também através da dança, juntamente com o canto: “[...] mas, não resta dúvida de que, cantando por algum tempo, transpomo-nos imediatamente à plataforma espiritual, e o primeiro sintoma disso se exhibe no ímpeto de dançar juntamente com o cantar do mantra.” (PRABHUPADA, 1980, p. 47).

A dança no processo da meditação do *Mahā-mantra* é considerada um sinal, sinônimo de que a prática de *Bhakti-yoga* foi bem-sucedida, pois o fiel atingiu, mesmo que de modo passageiro, o Mundo Espiritual¹⁸ e, portanto, comunga sua alma e sua consciência na Superalma e na consciência de Kṛṣṇa.

O caminho espiritual do Vaiṣṇavismo está baseado na crença de que o estado mais elevado do *yoga* é renunciar o mundo material e a libertação do ego e que cantar é o ato próprio de *bhakti-yoga*, pois transmite o pleno serviço devocional, bem como viabiliza a união mística com a intimidade sagrada.

Ou seja, a meta religiosa e salvífica significa estar em plena consciência de Kṛṣṇa. Prabhupāda diz que “o objeto do *yoga*, a meta última é compreender Kṛṣṇa. Portanto, consciência de Kṛṣṇa significa praticar o mais elevado tipo de *yoga*”.

¹⁸ Neste contexto Vaiṣṇava, Mundo Espiritual designa a morada eterna de Kṛṣṇa, chamada de *Goloka Vṛndāvana*, ou as moradas de Viṣṇu, chamadas *Vaikunṭha*.

(PRABHUPADA, 1980, p. 9). Sendo assim, se a perfeição do *yoga* é estar em consciência de Kṛṣṇa, então atingir a consciência de Kṛṣṇa é *samādhi*.

O mais alto estado de percepção da consciência – o *samādhi*, onde o *yogī* se identifica com a Realidade Suprema, é, portanto, expresso no máximo serviço devocional de *Bhakti-yoga*. Sendo assim, definiremos *samādhi* como a plena e constante consciência de Kṛṣṇa, a realização mística em sua máxima potência:

Qualquer pessoa que esteja pensando sempre em Kṛṣṇa dentro de si mesma é um *yogī* de primeira classe. Se você quer perfeição no *yoga* [...] você precisa aprofundar-se mais. Na verdade, a prática do *yoga* é alcançada quando você está em *samādhi*, pensando sempre na forma de Viṣṇu do Senhor dentro de seu coração, sem perturbar-se. Portanto os *yogīs* vão a um local isolado, e controlando todos os sentidos e a mente, concentram tudo na forma de Viṣṇu, eles atingem o *samādhi*. Isso chama-se perfeição do *yoga*. (PRABHUPADA, 1980, pp. 4-5)

Na prática de *bhakti*, nem este isolamento supracitado é necessário, pois o estado de consciência elevado pode ser obtido e mantido em qualquer situação e local através da devoção plena e prática correta, onde ocorre a máxima identificação do fiel com Kṛṣṇa. Isso significa que o *samādhi* é se preencher de Kṛṣṇa, pensar e agir o tempo todo, em todas as ocasiões, através de Kṛṣṇa.

3. Mokṣa em Bhakti-yoga

O Hinduísmo compreende como *mokṣa* a saída iluminada do *saṃsāra*, a libertação do ciclo de nascimentos e mortes dentro da criação material, a salvação. Curiosamente, o conceito de *saṃsāra* não varia de forma substancial entre as várias tradições hindus, mas sim a ideia de como libertar-se, qual o destino supremo possível e a Realidade Última. Porém, *mokṣa* é considerada a meta última da vida por praticamente todas as tradições, exceto pelo *Vaiṣṇavismo Gauḍīya*.

Se o apego é tido como uma causa para o enredamento no *saṃsāra*, o *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* acrescenta uma nuance sutil: desapegar-se de tudo não é a meta de libertação (*mokṣa*), pois o devoto deseja apegar-se amorosamente a Kṛṣṇa. Se em caminhos monistas do Hinduísmo a devoção pode até ser um estágio inicial, mas que deve ser suprimido pelo desapego completo para a libertação, o *bhakta* pensa diferente,

com o apego devocional ao Divino sendo sua meta final. Numa radicalização de *bhakti*, Lúcio Valera (2015) pontua que o *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* chega a se afastar dos outros sistemas filosóficos ao diminuir até mesmo a importância da salvação (*mokṣa*) como meta, deixando claro que *bhakti* em si já é a meta. Quando este amor pelo Senhor Supremo é atingido, a libertação do ciclo de nascimentos e mortes naturalmente vem, mas como um

subproduto insignificante do sentimento de união. Por esse motivo, a própria devoção é a meta da devoção, porque o amor se preenche no sentimento final do próprio amor. Assim o *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* não é uma filosofia de salvação, mas uma filosofia de amor. (VALERA, 2015, p. 86).

Rūpa Gosvāmī, autor do *Bhakti-rasāmṛta-sindhu*, um dos grandes tratados sobre a tradição de *bhakti*, chega a desprezar *mokṣa* ao se referir ao termo como *mumukṣā piśācī*, a “bruxa da libertação”, deixando evidente como esta não deve ser a meta do devoto, podendo, inclusive, iludi-lo como uma “bruxa”. Afinal, pode-se atingir *mokṣa* em outros processos espirituais que não visam o desenvolvimento de um relacionamento amoroso íntimo com o Divino. Para o *bhakta*, portanto, o propósito é unicamente desenvolver um amor altruísta pelo Supremo. Neste estágio amoroso, ele já se encontra em *samādhi*, com a consciência no Mundo Espiritual, ainda que siga por um tempo encarnado aqui. Como comenta Prabhupāda (1982), se a consciência plena de Deus, o que ele chama de consciência de Kṛṣṇa, é um fato real na vida da pessoa, ainda que ela viva no mundo material, ela já estará liberta no Mundo Espiritual.

4. *Prema-bhakti*

Se a meta do *bhakti-yogī* não é necessariamente a libertação do *samsāra*, mas o amor por Kṛṣṇa, isso é chamado de *Prema-bhakti*, último estágio no processo sistematizado por Rūpa Gosvāmī. Em seu *Bhakti-rasāmṛta-sindhu* (3.1-5), com base nos milenares *Nāṭya-śāstra* e *Bhāgavata Purāṇa*, Rūpa Gosvāmī define as cinco possibilidades de relacionamento com Kṛṣṇa: neutralidade, servidão, amizade, amor parental e amor conjugal (VALERA, 2015, p. 87). Estas cinco possibilidades, chamadas de *rasa*, são um desdobramento soteriológico do amor, sendo que o “amor conjugal” ou



mādhurya-rasa seria o mais íntimo, místico e profundo, já que é a relação que as *gopīs* (vaqueiras) têm com Kṛṣṇa, em especial, a Deusa Rādhā, a suprema *gopī*. A relação entre Rādhā e Kṛṣṇa é a epítome de *prema-bhakti*, exemplo máximo e arquetípico desta possibilidade mística de encontro com o Supremo.

Para redescobrir ou despertar estas *rasas*, o *bhakta* pratica o chamado *sādhana-bhakti*, elencado no *Bhāgavata Purāṇa* (7.5.23-24) em nove processos: escutar (*śravaṇam*); cantar (*kīrtanam*); recordar (*viṣṇu-smaraṇam*); servir o Senhor (*pāda-sevanam*); adorar as deidades (*arcanam*); orar (*vandanam*); executar os deveres prescritos (*dāsyam*); servir como amigo (*sakhyam*); render-se completamente (*ātma-nivedanam*). A execução destes nove processos pode ser medida em intensidade por nove estágios no caminho de *bhakti*, que foram definidos por Rūpa Gosvāmī no *Bhakti-rasāmṛta-sindhu* (1.4.15-16) como: fé (*śraddhā*); associação com santos (*sādhusaṅga*); servir com devoção (*bhajana-kriyā*); desapego gradual (*anartha-nivṛttiḥ*); firmeza (*niṣṭhā*); gosto pelo processo (*ruci*); apego ao processo (*asakti*); amor (*bhāva*); amor extático (*prema*). Em relação aos estágios, Prabhupāda comenta que:

No começo, deve-se ter um desejo preliminar para a autorrealização. Com isto, o indivíduo se sentirá inclinado a associar-se com pessoas espiritualmente elevadas. Na fase seguinte, ele é iniciado pelo mestre espiritual elevado, e, sob sua instrução, o devoto neófito começa o processo do serviço devocional. Através da execução do serviço devocional sob a orientação do mestre espiritual, ele se livra de todo o apego material, alcança constância na autorrealização e adquire gosto em ouvir sobre a Personalidade de Deus Absoluta, Śrī Kṛṣṇa. Este gosto continua propiciando o seu avanço, e ele então desenvolve apego à consciência de Kṛṣṇa, que, ao amadurecer, manifesta-se como *bhāva*, ou a fase preliminar do amor transcendental a Deus. O verdadeiro amor por Deus chama-se *prema*, a mais elevada etapa de perfeição na vida. Na fase de *prema*, há uma constante ocupação no serviço transcendental amoroso ao Senhor. Então, através do processo lento do serviço devocional, sob a orientação de um mestre espiritual autêntico, será possível alcançar a fase mais elevada, livrando-se de todo o apego material, do medo em adquirir uma personalidade própria individual e espiritual, e das frustrações resultantes da filosofia do vazio. Aí, então, atinge-se por fim a morada do Senhor Supremo. (PRABHUPADA, 2015, p. 238-239).

Quando o praticante do *sādhana-bhakti* atinge estágios elevados de intensidade em seu servir, como *bhāva* ou *prema*, ele entra em *Rāgānugā*, quando sua devoção é completamente espontânea, sem necessidade de regras ou regulações. Nesta etapa, suas



emoções estão afloradas, seus êxtases são contínuos, a presença de Kṛṣṇa em sua consciência é ininterrupta e seu estado de espírito já está imbuído de intimidade com Ele, como nas relações que Kṛṣṇa exhibe com as *gopīs* e os demais habitantes em *Vṛndāvana*.

A tradição de *bhakti* tem nesta cidade de *Vṛndāvana* o seu epicentro espiritual. Ali, acredita-se que Kṛṣṇa viveu sua infância e adolescência há cerca de cinco mil anos¹⁹, exibindo atividades íntimas e os sentimentos mais profundos de amizade, amor parental e amor conjugal. Em *Vṛndāvana*, embriagados neste amor, ninguém demonstrava sequer o respeito, o temor e a reverência comuns com a Divindade Suprema, esquecendo-se do *status* divino de Kṛṣṇa e entendendo que Ele era apenas o belo e arteiro filho, o fiel amigo, o lindo namorado negro de cabelos ondulados e pena de pavão sobre a cabeça. Estas atividades são descritas no décimo canto do *Bhāgavata Purāṇa*, na literatura medieval dos Seis Gosvāmīs, no poema *Gīta-govinda*, de Jayadeva Gosvāmī, entre outros. O *Gīta-govinda* frequentemente é tratado como um poema erótico, pois descreve com detalhes as relações místicas em *mādhurya-rasa* de Kṛṣṇa com Rādhā e as *gopīs*.

O *Bhakti-rasāmṛta-sindhu* (2.2.1-2.2.21) apresenta ainda de forma didática os sintomas corporais que uma pessoa manifesta ao exprimir este amor místico e extático por Kṛṣṇa, chamados de *anubhāva*: dançar, rolar no chão, cantar em voz alta, esticar o corpo rigidamente, chorar alto, bocejar, respirar com dificuldade, esquecer-se da presença de outras pessoas, salivar, rir como um louco, girar a cabeça e até arrotar. Em um ponto ainda mais elevado, é descrito que a pessoa pode ainda exhibir: aturdimento, transpiração, arrepios dos pelos, balbuciência, tremor, mudança da cor corporal, lágrimas e devastação, quando, em um estado de grande lamentação pela saudade de Kṛṣṇa, o devoto fica devastado de felicidade, algo difícil de descrever, mas chamado em sânscrito de *pralaya* por Rūpa Gosvāmī.

¹⁹ Prabhupāda comenta, deixando clara a posição da tradição, que “Kṛṣṇa – a Suprema Personalidade de Deus – é uma personalidade histórica, que apareceu na Terra há 5000 anos. Ele permaneceu na Terra durante 125 anos e comportou-se exatamente como um ser humano, mas Suas atividades foram incomparáveis”. (PRABHUPADA, 1993, p. XIV).

5. *Saṅkīrtana*

Os sintomas corporais e o estado de espírito de *prema-bhakti* norteiam um elemento central de *bhakti-yoga*, o *Saṅkīrtana*, que é o cantar coletivo dos nomes divinos. Como pontua Brown, a origem do *Saṅkīrtana* não é recente, mas remonta aos princípios cosmológicos dos Vedas:

As crenças espirituais que dão sentido à prática do kirtan têm suas raízes em uma cosmologia, postulada nos primeiros textos musicais sânscritos, em que, na criação do universo, a vibração das ondas sonoras deu vida à matéria. O termo sânscrito *nāda-brahman* refere-se à ideia de som causal, ou a crença de que o próprio som é, como Lewis Rowell escreve, ‘a força vital criativa pela qual todo o universo é animado’ (Rowell 1992, p. 36). (BROWN, 2021, p. 3, tradução nossa).²⁰

Se o grande objetivo de *bhakti* é desenvolver um relacionamento com Kṛṣṇa, o exercício completo para isso é o *Saṅkīrtana*, pois ele envolve os nove processos de *bhakti* e os nove estágios. Afinal, na prática se canta (*kīrtanam*) e se escuta (*śravaṇam*) os nomes divinos; se recorda de Deus (*viṣṇu-smaraṇam*); serve-se o Senhor com o canto e com a escuta (*pāda-sevanam*); adora-se as deidades ao glorificá-las (*arcanam*); ora-se (*vandanam*); executa-se o dever prescrito desta era de Kali-yuga (*dāsyam*), que é cantar; serve-se (*sakhyam*); rende-se completamente (*ātma-nivedanam*). E isso é feito com fé (*śraddhā*); na companhia de outros praticantes (*sādhū-saṅga*); com devoção (*bhajana-kriyā*); em desapego gradual (*anartha-nivṛtīh*); com firmeza (*niṣṭhā*); desenvolvendo-se gosto e apego pelo processo (*ruci* e *asakti*); manifestando o amor (*bhāva*) e o amor extático (*prema*). Por isso:

[...] a realização de harikirtan²¹ é um elemento de *bhakti-yoga* – a ‘yoga do amor e da devoção’ – que busca ligar o coração do adorador ao seu Deus por meio de uma prática alegre, espontânea, brincalhona e às vezes bem-humorada. (BROWN, 2021, p. 2, tradução nossa).²²

²⁰ “The spiritual beliefs that give meaning to the practice of kirtan have their roots in a cosmology, posited in early Sanskrit musical texts, wherein, at the creation of the universe, the vibration of sound waves brought matter to life. The Sanskrit term *nāda-brahman* refers to the idea of causal sound, or the belief that sound itself is, as Lewis Rowell writes, ‘the creative vital force by which the entire universe is animated’” (Rowell 1992, p. 36).

²¹ Hari é um dos mais populares nomes atribuídos a Kṛṣṇa.

²² “The performance of harikirtan is an element of Bhakti Yoga—the ‘yoga of love and devotion’—that seeks to bind the heart of the worshipper to their God through a practice that is joyful, spontaneous, playful, and sometimes humorous.”



O *Saṅkīrtana* é o cerne da prática *Vaiṣṇava Gauḍīya*, não apenas em um intuito individual de se atingir *prema*, mas sobretudo em um ideal de compartilhamento deste sentimento. É tão sensível para a tradição que Caitanya Mahāprabhu recitou pessoalmente apenas oito versos²³, chamados de *Śikṣāṣṭakam*, começando com:

Glórias ao *Śrī-Kṛṣṇa-saṅkīrtanam*, que remove do espelho do coração toda a poeira que se acumulou e extingue o fogo da vida condicionada. Este movimento de *Saṅkīrtana* é a principal bênção para toda a humanidade, porque espalha os raios da lua da bênção. É a vida de todo o conhecimento transcendental. Ele aumenta o oceano de êxtase transcendental, banha o eu de todos e capacita-nos a saborear completamente o néctar pelo qual sempre ansiamos. (MAHAPRABHU, 2012, p. 19).

Mahāprabhu começa sua exortação glorificando o *Saṅkīrtana*, alçando-o ao *status* de “principal bênção” para toda a humanidade, deixando a prática ampla, não destinada apenas a sacerdotes e não fazendo sequer uma distinção religiosa. Essa postura de Mahāprabhu é uma característica central no *Vaiṣṇavismo Gauḍīya*, que quebrou diversas barreiras no bramanismo vigente no Hinduísmo da época, que entendia que a recitação de mantras deveria ser exclusiva para sacerdotes, em locais e horários específicos. Os mantras não podiam sequer ser ouvidos por pessoas consideradas de castas inferiores.

Porém, Mahāprabhu, após um período realizando *Saṅkīrtanas* em ambientes fechados, exibindo diversos sintomas de êxtase devocional com seus principais companheiros, saiu para as ruas cantando mantras védicos, com ênfase no *Mahā-mantra* Hare Kṛṣṇa. Esse compartilhamento do mantra no *Saṅkīrtana* é também, como fica

²³ Apesar de ser o criador da filosofia *dvaita-advaita* (dual e não-dual) de *Acintya-Bheda-abheda-tattva*, Caitanya Mahāprabhu é tido como o autor formal apenas dos oito versos do *Śikṣāṣṭakam*. Nesta filosofia *Acintya-Bheda-abheda-tattva*, Caitanya Mahāprabhu apresenta que as entidades vivas – as almas – são qualitativamente iguais à Divindade Suprema e quantitativamente distintas, sendo, dessa maneira, iguais e diferentes de Deus. A analogia mais comum para explicar este ponto é a do Sol e seus raios, que são parte da mesma realidade, mas há uma diferença gigantesca entre os raios do Sol no quarto de alguém e o globo solar. Porém, os raios do Sol iluminam, aquecem e possuem, portanto, as mesmas qualidades do Sol, mas em quantidade infinitamente menor. Ou seja, as almas possuem as características divinas, mas jamais será a fonte. São infinitesimais, não infinitas.

explícito no primeiro verso do *Śikṣāṣṭakam*, a partilha do conhecimento e também das possibilidades místicas do canto²⁴.

O *Śikṣāṣṭakam* faz nos versos seguintes uma escalada didática da consciência do praticante rumo à imersão em *prema-bhakti*. No segundo verso, Mahāprabhu (2012) glorifica os nomes de Deus, mas lamenta o fato de não sentir atração por eles (“desventurado que sou, não sinto atração por eles”). No terceiro verso, ele instrui sobre a consciência e atitude ideal com os outros, que são necessárias para se louvar o Senhor em *Sankīrtana*:

Deve-se cantar o santo nome do Senhor em um estado de espírito humilde, considerando-se inferior a uma folha de grama; deve-se ser mais tolerante do que uma árvore, destituído de todo sentido de falso prestígio, e deve-se estar pronto para oferecer todo respeito aos outros sem esperar algo em troca. Com tal consciência, o santo nome do Senhor pode ser cantado constantemente. (Śrī Caitanya-caritāmṛta, *Adi-līlā*, 17.31).

Neste verso, Mahāprabhu resume tópicos fundamentais na atitude para o desenvolvimento de *prema*, como

tolerância, humildade, respeito e amor sem interesses egoístas. “Inferior a uma folha de grama”, pois quando a grama é pisada, ela se abaixa, porém se levanta assim que deixa de ser pisoteada. Mais tolerante que uma árvore, que não se afeta por dualidades, como calor e frio, chuva ou sol, e está sempre disposta a servir em qualquer circunstância, seja com frutos, flores, folhas ou sombra. E até mesmo quando morta ela ainda serve com sua madeira. Oferecer respeito aos outros, sem esperar algo em troca, porque o respeito não foi oferecido pela satisfação do ego falso, mas por amor ou uma tentativa de se chegar a este sentimento. (CARVALHO, 2020, p. 144)

A meta em *bhakti* é desenvolver amor genuíno por Deus e, a partir deste processo, vê-Lo em todos e em toda a criação, expandindo este sentimento para uma compreensão mística da realidade, na qual nada é separado de Kṛṣṇa e, portanto, sob a ótica do praticante, tudo é amado.

²⁴ Em conversas com muçulmanos relatados em suas biografias e hagiografias, Mahāprabhu explicita que o canto dos nomes divinos independe da religião, quando, por exemplo, incentiva muçulmanos a cantarem os nomes de Allāh presentes no Corão, dizendo que esta é a meta.



No quarto verso, Mahāprabhu reitera que não possui nenhum outro desejo material como riqueza, beleza ou seguidores, mas deseja intensamente ser um *bhakta* de Deus. No quinto, ele ora, pedindo a Kṛṣṇa que o resgate do ciclo de nascimentos e mortes e o coloque aos seus pés. O verso seguinte questiona quando os sintomas de êxtase como lágrimas, pelos arrepiados e voz embargada, ocorrerão ao cantar os nomes.

Como comentamos, o *Śikṣāṣṭakam* narra o estágio progressivo do *bhakta* na prática do *San̄kīrtana* para a obtenção de *prema*. Assim, o verso sete é uma oração de entrega em êxtase, quando Mahāprabhu diz a Kṛṣṇa que tem sentido a separação Dele como se um segundo fosse um milênio e não consegue parar de chorar devido à saudade. Já o verso oito é uma imersão no estado de espírito de Rādhā, o cume de *prema-bhakti*, quando Mahāprabhu se coloca como uma criada diante de Kṛṣṇa, dizendo que não importa se Ele irá abraçá-lo com firmeza, pisoteá-lo ou despedaçar seu coração evitando ficar diante dele, porque nada disso muda o fato de que Kṛṣṇa será sempre o seu único “Senhor adorável de meu coração, incondicionalmente”. (MAHAPRABHU, 2012, p. 123).

Considerações finais

Tendo em vista o exposto, podemos perceber que o fenômeno religioso do *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* é uma experiência religiosa singular perante as demais tradições hindus, a partir da análise conceitual dos termos *samādhi*, *mokṣa*, *prema-bhakti* e a prática do *san̄kīrtana* sob a ótica teológica e filosófica da tradição trabalhada.

No que diz respeito ao conceito de *samādhi*, diferente de demais concepções²⁵, trata-se do reconhecimento pleno entre sujeito e objeto (VALERA, 2015), que é traduzida na consciência plena de Kṛṣṇa. *Samādhi* é um estado não ordinário de consciência que proporciona, de acordo com a tradição, a plena vivência de Deus, em todos os âmbitos. Nas palavras de Prabhupāda:

O devoto puro do Senhor vê constantemente a presença do Senhor dentro de si mesmo, por estar transcendentalmente relacionado mediante o serviço amoroso. Esse devoto puro não pode esquecer o Senhor por nenhum momento. Isso se chama transe. [...] O devoto alcança mais facilmente o *samādhi*, ou transe, lembrando-se

²⁵ Cf. Vivekananda (1967); Patañjali (2015).

constantemente do aspecto pessoal do Senhor, juntamente com Seu santo nome, fama, passatempos, etc. (PRABHUPADA, 1995, p. 562).

Em relação a *Mokṣa*, percebe-se que a tradição *vaiṣṇava* se distancia das demais concepções de *mokṣa* enquanto libertação plena e meta salvífica, tendo em vista que o almejado em *bhakti-yoga* não é a libertação, mas sim o apego amoroso a Kṛṣṇa. A libertação não é, portanto, o objetivo final do *vaiṣṇava*, mas sim uma mera consequência do processo de *bhakti*, tendo em vista que a prática do amor devocional já é em si a meta suprema.

Esse amor pode ser traduzido no conceito de *prema-bhakti*, como vimos anteriormente. Trata-se da experiência mística profunda, uma vez que, de acordo com a crença, nesse momento desenvolve-se uma relação íntima amorosa entre o praticante e Kṛṣṇa, sendo permanente a presença divina em sua consciência.

Sendo a meta suprema do *bhakta* o cultivo do amor devocional a Kṛṣṇa, a prática ritualística que melhor expressa esse processo é o *Sankīrtana*, o cantar coletivo. No compartilhamento do sentimento de *prema*, temos a reunião dos elementos principais da tradição *vaiṣṇava*, traduzida no aspecto ritualístico (e místico) do orar, cantar, dançar, e nas manifestações devocionais de adoração e glorificação.

O *Sankīrtana* pode ser considerado o ritual genuíno de *bhakti-yoga*, pois transparece a essência e singularidade da experiência religiosa do *Vaiṣṇavismo Gauḍīya* perante à vasta multiplicidade que compõe o seio hindu. Nele, refletem os processos de *samādhi* e *prema-bhakti*, e a consequente libertação (*mokṣa*) no processo da mística devocional a Kṛṣṇa, por meio do ritual musical do canto e da dança.

É importante ressaltar ainda que estudos do fenômeno religioso de tradições hindus ainda são escassos no meio acadêmico brasileiro, tendo em vista o vasto arcabouço cultural e antropológico que permeia o Hinduísmo. Essa carência muitas vezes se reflete no desconhecimento desse fenômeno religioso, ocasionando a utilização de seus símbolos, práticas e rituais de modo pejorativo. Acreditamos que um dos pontos de partida para modificar essa realidade no campo das Ciências da Religião é seu estudo teórico, pois além de propagar conhecimento científico, possibilita o combate a preconceitos e intolerâncias religiosas.

**Referências Bibliográficas**

BHAGAVAD-GITĀ. Canção do Venerável. São Paulo: Globo, 2009.

BHAGAVAD-GITĀ – Texto em sânscrito e tradução em inglês de PRABHUPADA, 2015.

BHAGAVATA-PURANA (Srimad-Bhagavatan) – Texto em sânscrito e tradução em inglês de PRABHUPADA, 1995, 18 volumes.

BROWN, Sara Black. **From Meditation to Bliss: Achieving the Heights of Progressive Spiritual Energy through Kirtan Singing in American Gaudiya Vaishnava Hinduism.** Religion: Basel, Switzerland. 2021, 12: 600.

BORRIELO, L; CARUANA, E; DELGENIOI, R.L; SUFFI, N. **Dicionário de Mística.** São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2003.

CARVALHO, Romero Bittencourt e. **Dharma e Libertação.** Correlações entre o conceito de Dharma na Teologia Vaiṣṇava Gauḍīya e Libertação na Teologia Latino-americana. Dissertação de mestrado apresentada na PUC-MG, sob orientação do Dr. Roberlei Panasiewicz. Belo Horizonte, 2020.

CARVALHO, Romero Bittencourt e. Bhaktivinoda Thakura e o diálogo inter-religioso no século XIX. In: **Interações**, Belo Horizonte, vol vol. 16, núm. 2, pp. 294-309, 14 de outubro de 2021.

FLOOD, Gavin. **Uma introdução ao Hinduísmo.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.

GOSVAMI, Rupa. **Bhakti-rasamrta-sindhu.** Texto em sânscrito e tradução de Bom Maharaja, 1965 e Svami, 2003.

GOSVAMI, Satsvarupa Dasa. **Introdução à Filosofia Védica.** A tradição fala por si. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1994.

KERR, Ana Carolina. **Mística e estados não ordinários de consciência: um estudo comparado entre o samādhi hindu e o samā' sufí.** Dissertação de mestrado apresentada na PUC-MG, sob orientação do Dr. Carlos Frederico Barboza de Souza. Belo Horizonte, 2020.

MAHAPRABHU, Caitanya. **Sri Sri Siksastaka.** São Paulo: Sankirtana Books, 2012.

MCGIN, Bernard. **The Foundation of Mysticism** – Origins of the Fifth Century. New York: The Crossroad Publishing Company, 1991.

MONIER-WILLIAMS, M. **A Sanskrit-English dictionary.** Delhi: Motilal Banarsidass, 2002.

PATAÑJALI. **The Yoga sutras of Patañjali.** Nova York: Start Publishing LLC, 2015.



PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **A Caminho de Krishna**. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1990.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **Ensinos da Rainha Kuntī**. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1982.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **O Livro de Kṛṣṇa**. Pindamonhangaba: Bhaktivedanta Book Trust, 1993.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **Meditação e Superconsciência**. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1980.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **O Bhagavad-gītā como Ele é**. Pindamonhangaba: Bhaktivedanta Book Trust, 2015.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **O néctar da devoção: A ciência completa de bhakti-yoga**. São Paulo: BBT, 2012.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **Srī Īsopaniṣad**. São Paulo: São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 2017.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. **Srīmad Bhāgavatam**. Primeiro Canto, parte 1. Pindamonhangaba: Bhaktivedanta Book Trust, 1995.

SRI CAITANYA-CARITAMṚTA – Texto em bengali com tradução para o inglês de PRABHUPADA, 1987.

THEODOR, Ithamar. **Exploring the Bhagavad Gītā: Philosophy, structure and meaning**. London: Ashgate, 2010.

VALERA, Lucio. **Mística Devocional (Bhakti) como experiência estética (Rasa): Um estudo do Bhakti-rasāmṛta-sindhu de Rūpa Gosvāmī**. Tese de doutorado apresentada na UFJF. Juiz de Fora, 2015.

VELASCO, Juan Martin. **El fenómeno místico: estudo comparado**. Madrid: Trotta, 2003.

VIVEKANANDA, Swami. **Rāja Yoga: o caminho real**. Rio de Janeiro: Vedanta, 1967.

VRAJABHUMI, Ashram. **Mini dicionário de sânscrito**. 2009. Disponível em: http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/sanscrito_dic.pdf . Acesso em: 21/09/2021.